

## REDAÇÃO SOBRE O TEMA: RESTOS DO CARNAVAL CONTO PSICOLÓGICO

### Restos do carnaval

O carnaval era meu, meu (...). Nunca haviam me fantasiado (...). Duas coisas preciosas eu ganhava, e então as economizava com avareza, para durarem os três dias: um lança-perfume e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever, porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que (...) eu era de tal modo sedenta, que um quase nada já me tornava feliz.

(Clarice Lispector)

Sim, uma fantasia vermelha e umas sandálias de plástico faziam-me feliz naquele fevereiro de chuvas fortes, as quais, contudo, não me atingiam, apesar de os pingos mais vigorosos atravessarem as janelas de parapeitos carcomidos pelos carunchos. Molhavam meus pés – isso é verdade, que também são partes de mim. Os mesmos pés calçados com as sandálias de plástico, que me levaram à matinê. Os mesmos pés que pisavam a geometria do piso do salão, como se pisassem a sala do tribunal, e prestassem contas de seus crimes.

Era quase um crime aquela matinê – também as crianças cometem crimes, ao desejarem o doce proibido, e se defrontarem com o espelho, a denúncia da boca em pecado ali escancarada.

Entretanto, os pés são sempre inocentes, sobretudo quando pisam o salão das matinês – meus pés insistem: lembram-se do salão dos quinze anos, como quem se lembra da arma do crime ou das aulas de catecismo. Os confetes eram lançados com ira, o suor colava-os ao rosto, e então não chegavam aos pés, quase ilesos, não fosse o embaralhar das serpentinas – serpentes adiantam os passos da vítima; serpentinas embargam-lhes.

É isso. Rosto suado, pés embargados, coração escuro. Meu primeiro carnaval, fantasiada de vermelho e suspense. Foi um filme de terror, palhaços sinistros gritando ao longo dos corredores da casa ruidosa, as janelas frenéticas, a luz do sol coberta de pó e medo.

Mas é preciso dizer que, naquela tarde de fevereiro, comecei pela máscara, que cobria o rosto de qualquer indício de Ana Maria; depois, as luvas, e não sobrou cicatriz de faca afiada na pia. A fantasia vermelha foi a última peça, depois de o cabelo pronto e duro, a fantasia passada a ferro, com a fúria e a força de quem disputa a bola em final de campeonato.

Era carnaval. Os pés embargados tropeçaram a geometria do piso. À noite, o joelho esfolado ardia – resto daquela matinê.

*Por Gislaíne Buosi*

